

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA



**REDAÇÃO:**  
Direção Literária de  
**ARNALDO LEITE**  
**CARYALNO BARBOZA**  
**JOSÉ DE ARTIMANHA**

**IMPRESSÃO:**  
Diretor Artístico e Secretário da Redação  
**OCTAVIO**  
J.R. 4, 111



## O NATAL DO POVO



Já que não tenho dentes para comer o "piru", sequer ao menos agarro a "pirua"

Propriedade da Empresa do  
Magazine «Civilização» L. da

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

| Continente e Ilhas             |         |
|--------------------------------|---------|
| Ano . . . . .                  | 45\$00  |
| Semestre . . . . .             | 24\$00  |
| Colónias                       |         |
| Ano . . . . .                  | 50\$00  |
| Registado . . . . .            | 70\$00  |
| Estrangeiro                    |         |
| Ano . . . . .                  | 60\$00  |
| Registado . . . . .            | 100\$00 |
| Número avulso 1 escudo         |         |
| Anúncios: Preços convencionais |         |

## Damos hoje ainda o plano do Concurso do Natal e Ano Bom

# JOGO DO QUINO

acrescentando as seguintes bases: ao concorrente que começar na segunda semana, será atribuído um **duque**, o que, neste jogo, corresponde a dois pontos certos. E ao que começar na terceira, um **terno**, ou três pontos certos. Ao que começar na quarta será atribuída uma **quadra**, ou quatro pontos. Todos eles, porém, terão de remeter os esquemas de tôdas as semanas. Desta forma tôda a gente poderá concorrer, com tôdas as probabilidades de alcançar um prémio.

A MARIA RITA publicará a fotografia de um cartão vulgar, dos que se empregam no **JOGO DO QUINO**. Como em todos os cartões desse jogo, haverá neste nosso, 15 números, que será necessário preencher no prazo de 5 semanas.

Semanalmente serão tiradas pela MARIA RITA 3 bolas, correspondentes a outros tantos números dos que estão no cartão. O controle será feito como todos os outros por um envelope devidamente lacrado e exposto na Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade, do Pôrto.

O concorrente tem direito a marcar **semanalmente 4 (quatro)** números de seu palpite sobre o nosso cartão, que recortará, remetendo-o até à quinta-feira seguinte.

**Fica portanto com 8 palpites** a seu favor, visto que nas 5 semanas tem 20 palpites, contra 12 números em que deve acertar em virtude que os da última semana não será necessário adivinhá-los, pois, serão os últimos do cartão.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

**1.º prémios** — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinas).

**2.º prémios** — Entre aqueles que consigam fazer duas quinas e um terno.

**3.º prémios** — Entre aqueles que só alcançarem duas quinas.

**4.º prémios** — Entre aqueles que só alcançarem uma quina.

### E SERÃO OS SEGUINTE:

**2 primeiros prémios** de 500\$00 esc. cada.

**2 primeiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 segundos prémios** de 100\$00 esc. cada.

**2 segundos prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 terceiros prémios** de 50\$00 esc. cada.

**10 terceiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**100 quartos prémios** representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Dos objectos oferecidos podemos desde já dar a seguinte lista:

**1 magnífico corte de fazenda para fato** oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

**1 grafonola e 6 discos**, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

**6 pares de ligas para senhora**, em seda, oferecidas para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

**1 dúzia de caixas do conhecido Pó de Arroz Belkiss**, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

**25 latas de conserva especial**, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matosinhos A «Continental».

**1 colecção de latas para despensa**, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

**1 peça dos célebres cotins «Campo do Cirne»**, que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

**1 caixa de Pôrto Velho marca «Aidinha»**, oferecida pela casa exportadora de Manuel Augusto Baptista, L. da

**1 dúzia dos sabonetes afamados mundialmente «Flor del Campo»**, que o seu agente nesta cidade, sr. Carlos Teixeira Figueiroa, nos ofereceu.

**1 colecção de chocolates**, fabrico esmerado da grande fábrica «Celeste», do sr. Manuel C. Pais.

**1 esplêndido guarda-chuva de seda** (para homem ou senhora), oferta da conhecida casa da Rua dos Caldeiros, 30, dos srs. Correia, Teixeira & Cunha.

**2 elegantísimos suportes para retratos** que devemos à gentileza da Casa Figueiredo da Rua 31 de Janeiro.

**1 caixa de vinho velho do Pôrto da grande marca «Pôrto Barros»**, que os seus proprietários Barros, Almeida & C.ª, de Gaia, nos mandaram.

**1 caixa dos magníficos sabonetes «Automóvel Club de Portugal»**, que os representantes e depositários da Saboaria e Perfumaria Confiança, de Braga, srs. Monteiro & Sousa, L. da, da Galeria de Paris, nos enviaram. Este sabonete além de ser um apreciável produto para toucador, encerra no seu envólucro um mapa automobilista da Península.

E a bicha seguirá porque a MARIA RITA é alguém na nossa terra.



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Um pôsto emissor de radiofonia, funcionando nesta cidade, abriu uma subscrição... aérea para a consoada dos polícias-sinaleiros. Não reparem os meus leitores no adjectivo atrás escrito, porque corresponde à expressão da verdade. E' que o progresso mudou tudo, até os peditórios. De antes, quando alguém pretendia arranjar uns patacos para qualquer amigo em más condições pecuniárias, ou para qualquer estabelecimento de beneficência, pegava numa fôlha de papel pautado, riscava-lhe com o lápis duas colunas — uma para os nomes, outra para as quantias — e largava de porta em porta e de rua em rua, a assaltar, de lápis engatilhado, os transeúntes desprevenidos. Hoje, não. Vai a uma loja de quinquilharias, e compra qualquer coisa: uma jarrinha, um boneco de borracha, ou um yó-yó. Depois, entra por um pôsto emissor a dentro, e pede ao *speaker* que ponha aquilo em leilão. Gentilmente, o *speaker* obedece. E apenas termina a cavatina da *Norma* ou o *rondó* da *Lucia*, soa em casa dos radiófilos a voz emitida de longe:

— Prevenimos os senhores ouvintes de que acaba de nos ser entregue um delicioso brinquedo próprio para crianças de maior idade e do sexo feminino, que gostosamente vamos pôr em almoeda, revertendo o seu produto a favor do Instituto de Socorros a náufragos que tenham a desgraça de cair ao lago da Cordoaria. E' muito interessante, e valiosíssimo. Está em cinco escudos. Quem dá mais?

Logo se escuta o retintim do telefone. E' uma senhora que pretende saber a forma, o aspecto e o tamanho do



*Deseja a Vossas Excelências as melhores BOAS-FESTAS possíveis, nestes tempos de bacalhau em trajos de gala. Aos seus amigos, colaboradores e anunciantes apresenta o seu cartão de agradecimento, com a mesma gentileza e sinceridade com que o faria se lhes enviasse um peru. Contentem-se com o cartão e não o embebedem por favor.*

brinquedo. Prestados todos os esclarecimentos, com evangélica paciência — isto de ser *speaker* foi coisa que escapou a Jeová quando experimentou a resignação de Job — diz de lá a voz de falsete da dama:

— Dez escudos.

E assim sucessivamente, até chegar a três ou quatro contos de reis. Porque o *speaker* não se contenta com menos. Quando as ofertas falham, grita logo:

— Ó minhas senhoras! Por êste preço é quasi de graça o brinquedo em praça. Mais do que isso vale só o estojo.

Ao fim de duas, três horas de semelhante dize-tu-direi-eu, atinge-se enfim a quantia almejada, e termina o leilão. O pior é que, como a hora vai adian-

tada, termina também a sessão de aquela noite, entrando em cena o dístico da *Portuguesa*, que é quem hoje em dia nos ordena:

— Vai-te despir!

E os pobres radiófilos, que durante tôda a noite se fartaram de gastar electricidade para ouvirem belos trechos de música, vão para a cama assobiar a *Maria Cachucha*, para gozarem, ao menos, um pedaço de boa música.

Mas tudo neste mundo tem compensações. Se não tiveram o prazer de se suporem em pleno teatro lírico, tiveram o não menor prazer de se suporem em casa do Comendador António Paulino.

Pois fêz muito bem a *Casa-Forte* em abrir a subscrição para os polícias-sinaleiros. São, de facto, dignos de estima e de uma boa gratificação. Faça chuva ou faça vento, frio de rachar ou calor de estalar as pedras, lá estão êles no seu pôsto, regulando o trânsito e evitando Deus sabe quantas centenas de desastres! Este trabalho, numa cidade cuja população se não habituou ainda a andar pelas ruas e atravessa avenidas e largos como se andasse flanando em pleno descampado, é muito digno de nota, e mais digno ainda do reconhecimento público.

Com os seus gestos e o seu pauzinho, teem os polícias-sinaleiros evitado muitos desastres, repito. Pena é que os não ponham à porta das igrejas, para assestarem a luz vermelha sôbre os noivos que vão para se casar, — dando passagem franca, sômente, àqueles que não corram o risco de ter sogra.

Marcial JORDÃO.

## Balancete da semana

Sairá êste jornal  
na vesp'ra do Natal,  
dia de consoada.  
E eu creio que o leitor,  
em noite assim, de tradições tão cheia,  
pensa apenas na ceia,  
e, quanto a semanários, não lê nada.  
Suponho que faz bem.  
Para consagração do Deus-Menino,  
que nasceu em Belém,  
é bem melhor o creme e o vinho fino  
do que a leitura de um jornal que tem,  
às vezes, um verniz de jacobino.  
Culpa do Octávio Sérgio, sempre arisco.  
Que os demais redactores  
são tementes a Deus, conservadores  
e irmãos da Lapa, Têrço e S. Francisco.  
Mesários, não. E é pena, que os mesários  
das veneráveis Ordens cá do Pôrto,  
gosam direitos latitudinários  
e às vezes fazem do direito torto.  
Por mais que sobre o temporal agreste,  
nem raios nem coriscos os alcançam.  
Ficam indemnes se grassar a peste;  
choram os outros, e êles sempre dançam.  
Como são mais fieis que Santo Alceste,  
levam a vida sem um sobressalto,  
e cai sôbre êles, qual maná celeste,  
a protecção do alto...

\*

\* \*

Mas revertamos ao assunto. E' hoje  
um dia grande—sendo o mais pequeno—  
em que a tristeza foge  
e pulsa o coração lento e sereno.  
Dia de festa íntima e sagrada,  
de paz e de quietismo,  
em que a anedota foge horrorizada  
e não distende as asas o humorismo.  
O que lucro, portanto, com fazer  
as *blagues* do costume,  
se eu próprio estou mortinho por correr  
para o canto do lume,  
comendo o bacalhau e as rabanadas,  
bebendo o vinho e o mélico licor  
entre o vozear constante e as gargalhadas  
de três crianças lindas como fadas  
que são o meu feitiço e o meu amor?

\*

\* \*

Ponho ponto, portanto. Sensabor,  
vai hoje êste artiguelho: sem piadas  
e bastante incolor.  
Mas nem todos os meses há consoadas.  
.....  
Boas festas, leitor!

TURIDDU.

### Literatura natalícia

Chega tarde mas ainda vem a tempo.  
Trata-se dum anúncio publicado no *Ja-neiro*, no qual se liam as seguintes maravilhas literárias:

### Salvé 7-12-1932

*Ao raiar esta nova aurora há grande contentamento na natureza.* (A gente está daqui a ver a natureza tôda contente a rebolar-se e a rir. O mais bonito é que nessa manhã chovia a potes). *Os passarinhos chilream alegremente pela passagem do aniversário da interessante menina Irene F. Almeida, fazendo votos (ou botas?) para que Deus a conserve por muitos anos e bons.*

P. de Aço.

Uma prosa destas só podia ser do senhor P. de Aço. Vê-se logo que é estilo dum grande... P. de Aço de asno!

### Um centenário celibatário

Nos primeiros dias dêste mês faleceu, no concelho de Fafe, um cavalheiro com a respeitável idade de 115 anos! A estes tipos que conseguem intrujar a morte, passando-lhe o conto do vigário duma vida quasi eterna, é costume chamarem-lhes macróbios, nome muito desengraçado e que lembra, assim a modos, outros bichinhos pequenos, como os bacilos de Koch, as môscas de Milão e os rinocerontes da Asia.

A gente pasma como possa haver um camarada, que se deixe por cá andar 115 anos, sem pedir transferência para outro planeta!

Mas a explicação do fenómeno, vem no final da notícia donde colhemos êste sensacional acontecimento.

Diz o jornal:— «O centenário teve sempre aversão às mulheres pelo que morreu solteiro.»

Ora aí está!

Sem mulher e sem sogra não é admiração nenhuma durar cento e tantos anos!

### Os teatros e as letras

Nos teatros de Lisboa, êste ano, os cartazes tem predilecção pelos F. F.

Foi a «D. Formiga,» depois o «Feitiço,» e agora a «Fascinação,» da nossa querida prima D. Virgínia Vitorino.

Três F. F. F.

Se fôsse em Braga eram três P. P. P.!!! Quem havia de dizer que até a illustre poetisa dramaturga gosta do F.?

Andava por aí tôda a gente a dizer o contrário...

# A semana do Dá-me "disso"

O verbo Dar conjugado em todos os tempos e a tôdas as horas

Acudam, meus senhares! Isto é horrível. Eu já não sei para que lado hei de dar!... Viro-me de todos os lados e dou sempre, sempre! Isto de dar até já cheira mal. Felizmente que já hoje é sábado e está a acabar o meu suplício.

Teem V. Ex.<sup>as</sup> na sua frente um novo pobre. Nunca fui rico, não senhor. Mas nesta altura do mês ainda me restavam uns escuditos para passar os últimos sete dias que me separam do fim do mês, essa admirável data que eu saúdo entranhadamente, e em que reúne lá em casa a conferência das quatro: minha mulher, minha filha e as sopeiras.

Resumirei a V. Ex.<sup>as</sup> o que foi para mim a semana que hoje finda, e dir-me-ão após se não é lógico um passeio até ao molhe Norte, e depois uma viagem em vagão-mistério até ao outro mundo?

Comecei a minha semana no Domingo como qualquer pessoa. Levantei-me tarde, porque gosto imenso de deixar descansar o fato durante algumas horas. E lá diz o ditado: Dorme o dono, dorme-lhe a fazenda... E a fazenda do meu fato tinha muito sono...

Depois almociei, e como estava alegre, a mulher aproveitou a deixa e pediu-me uma nota daquelas que se podem trocar pelo menos em dez notas. Dei-lha. Depois pediu-me um passeio. Dei-lho.

Em seguida fui ao Sá da Bandeira ver o *Mexilhão* da Beatriz Costa. Estava sereno e calmo; mas no intervalo a mesma actriz veio pedir-me uma esmola, e eu dei-lhe o meu... óbulo para o Instituto de Regeneração de Gaia. Acabou o espectáculo e fui jantar. E' necessário dizer nesta altura que sou um dos desgraçados que usam Rádio com fios dentro da porta.

Pus-me a ouvir a Rádio-Gaia. Deliciava-me com as músicas de Zarzuela, quando de repente o locutor desatou a pedir dinheiro para o Dispensário do Pôrto para as Crianças Pobres.

Na *segunda-feira* pela manhã fui trabalhar; mas de hora a hora chegava uma carta. O carteiro, o padeiro, a leiteira, o *groom* mais próximo, etc., etc.

E todo o dia foi assim. A' noite regresssei a casa, e pus o Rádio a funcionar. Confesso que não procurei a Rádio-Gaia. Fui para a Rádio-Pôrto. Mas ó ceus! O Laranjeira também precisava de alguma coisa para a Associação Protectora da Infância.

Confesso a minha simpatia pelas obras de caridade. Por isso a carteira gemia nos gonzos ao ser aberta de par em par.

*Terça-feira*—Neste dia foram os cauteleiros, os vendedores de jornais e as cantinas. Até um rapaz muito roto que às vezes me guarda o automóvel à porta dos teatros, me veio dizer que queria cear no sábado.

Cheguei a casa, condoído e triste. Para amenizar, um bocadinho de mú-

sica não seria mau. Mas qual *Pôrto* ou qual *Gaia*? Nenhuma delas. Por isso instalei-me na Casa Forte. Aqui ao menos estava livre de importunos. Pois sim! Talvez por me julgarem instalado na casa forte de algum banco, toca a pedir-me para a consoada dos sinaleiros do Pôrto e para a Casa dos Pobres. Dei.

*Quarta-feira*—Fui recebido no escritório por um apelo sincero dos menos graduados. Dei-lhes para o tabaco e já não foi mau. Depois foi uma subscriçãozinha para os tuberculosos não sei de onde, e apareceu também uma lista para um bilhete de loteria!

Escusado será dizer-lhes que a carteira já se não abria de par em par porque estava ímpar de notas. (*Não confundir com ímpar de...*) Veio a noite felizmente, e regresssei a Penates. Já olhava de soslaio para o vomitador dos pedidos; mas sou doido por música. Não poude resistir. Fugii à Rádio-Pôrto, à Rádio-Gaia e à Casa Forte. Fui para a Invicta. Mas o diabo do pôsto mal lhe desatirculei a língua, pôs-se de lá a dizer que o Asilo Profissional do Terço, era uma obra misericordiosa e que era preciso ajudá-la.

Fechei o aparelho e fui dormir.

*Quinta-feira*—As quintas-feiras são para mim os dias previligiados. Ando mais contente. Tumba! Já em cima da mesa havia duas dúzias de cartas fechadas. Eram do galego da esquina, do homem que guarda um estabelecimento que há debaixo da Rua 31 de Janeiro, do porteiro do café onde vou tomar o *pingado*, etc., etc.

Já, ao entrar em casa reparei que as sopeiras me olhavam com uns olhos muito diferentes do costume. Tive receio até que tivessem mandado fazer cartões especiais... Mas não. Ainda não! Ainda não tinha soado a hora. Mas o vício lá estava: a música, sempre a música! Fugii do Rádio-Pôrto, da Invicta, da Casa Forte, do Rádio-Gaia. Fui até à Rua de Liceiras para que a Ideal-Rádio, fôsse a rádio ideal que eu necessitava. Mas ou pelos demónios ou lá pelo que fôsse, o que é certo é que o disco era igual em tôdas as estações: um pedido em forma não sei para onde, e um leilãozinho a americana, que é como quem diz: não caias em telefonar.

*Sexta-feira*—E' sempre um dia negro. Tenho azar com as sextas-feiras, e tenho razão. E' nestes dias que aparecem os cartões dos reparadores de telefones, do catraio da tipografia e os pobreziinhos do costume. Foi um nunca acabar de esmolos. Eu já olhava a carteira com o olhar dolorido.

Vim embora. Em casa o pôsto receptor escancarava para mim os narizitos de retorcer e eu não pude resistir. Passei por cima do Pôrto, de Gaia, da Casa Forte, da Ideal e da Invicta, e instalei-me na Sonora.

Estava contente porque ninguém falava. De repente deu-se um infausto acontecimento: era o Fausto a dizer-nos com lágrimas na voz que os pobres da cidade atravessam uma crise pavorosa, sendo preciso deitar-lhes a mão. Sucumbi e dei os últimos 5 escudos, ao mesmo tempo que a mulher se deitava a mim, dizendo-me que não ceáramos no dia seguinte, por se lhe terem esgotado as economias.

*Sábado*—Até que enfim estamos na véspera do Natal. Dei tudo, mas estou consoladinho porque também fui um dos contemplados. Também a mim me deram muita coisa:

Deram-me as Boas-Festas.

## PERFIS DO PORTO

XXX

MIGUEL MOTA



«No Instituto dos Cegos, quem é Miguel Mota é Director».

(Não levamos nada pelo provérbio...)

# Prendas! Prendas! Prendas!

## A ÁRVORE DO NATAL DA "MARIA RITA"

No suntuoso salão de rosa, d'ouro e arminho, onde está instalada a luxuosa e magnificente redacção da nossa MARIA RITA, ergue-se altiva, orgulhosa e recheada de múltiplas e deslumbrantes prendas, a tradicionalíssima árvore do Natal.

Todos os nossos amigos, todos os nossos assinantes tiveram a amabilidade de nos enviarem valiosos e originais brinquedos que vão fazer a delícia dos nossos convidados.

### As ofertas que tivemos

*Do Sr. Maneca Reis:*

Um capachinho "repoussée".

*Do Dr. Amílcar de Sousa:*

Duas pêras radiófilas.

*Do Sr. Cunha da Raza:*

Uma língua afiabrada.

*Do Dr. António Moreno.*

Uma algália de via reduzida.

*De D. Aurora J. Aranha:*

Meia dúzia de "Mariteresas" desorientadas.

*De D. Beatriz Costa:*

Um mexilhão sem casca.

*De D. Cremilda de Oliveira:*

Um gato sem rabo.

*De Rui Coelho:*

Uma partitura à caçadora.

*De Borges & Irmão:*

Uma garrafa Roncão, vazia, sem roncar.

*Do Dr. Campos Monteiro:*

Um quarto mobilado, com sentinela à vista.

*De Henrique Moreira:*

Uma redução da Menina Nua com os três Pilatos atrás.

*Do Dr. Severiano da Silva:*

Um Landru de carne e ôsso e com "bonet".

*De Leitão de Barros*

Um filme em aguarela e um pastel em fita.

*De António Ferro:*

Uma entre (longe da) vista e outra entre (curta da) vista.

*Do (Diário de Notícias):*

Um Nicolau em ovomaltine.

*De Valdemar Mota:*

Uma bola de queijo flamengo.

**MARIA RITA é o jornal humorístico  
: : : : de maior expansão : : : :**

## A branca da alma preta

*Ao chegar da Exposição Industrial em Lisboa  
Elvira da Encarnação  
Teve esta triste expansão:  
«Eu... não venho nada boa!...»*

*Logo a mãe acode aflita:  
«O que foi, o que seria?!»  
A seguir em grande grita  
Que a Encarnação irrita,  
Vem as manas e a tia!*

*«O que tens, Encarnação,  
Que assim te rouba o sossêgo?!  
Oh, senhora, que ralação...  
Querem ver que pôs a mão  
Na asa de algum morcêgo?»*

*Então com ares de sabida  
Segreda a tia, do lado:  
«Ora adeus, histórias da vida...  
Não estejam com tanta lida;  
Aquilo, foi mau olhado!»*

*«O mal de pronto se evita,  
Até sem grande despesa»,  
Diz a mana Benedita:  
«Compre-lhe a MARIA RITA,  
Logo lhe passa a tristeza!»*

*Mas, nem remédios, aos centos,  
Nem súplicas à menina,  
Nem suspiros e lamentos,  
Nem os modernos inventos,  
Da moderna medicina,*

## Aguias & Cágados

Não damos hoje esta secção por se ter perdido o desenho desde a nossa redacção até ao gravador, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

### Corneta mundana

#### Pedido de casamento

O tenor absoluto, que costuma dar sessões de radiotelefonía na Praça da Liberdade, pediu em casamento uma das célebres cantoras que últimamente se exibiram num teatro de Barcelona.

Parece que o apaixonado ex-boxeur, prefere a mais alta — que tem 2,80, para formar um par de pêsos pesados.

#### Partidas e chegadas

— No rápido de ontem, vindos de Santarém chegaram a esta cidade, uns galantes pombinhos que pensam gozar a lua de mel na terra das tripas. A sua chegada, aguardava-os grande número de moços de fretes e corretores de hotel.

*Descobriram o mistério!  
Bra tanta a comoção,  
Tanta a dôr, sem refrigério,  
Que parecia um cemitério  
A casa da Encarnação!*

\*

*Mas um dia muito aflita  
Gemeu: «Fula! Meu pecado!»  
Berra então a Benedita:  
«Está fula! Fê-la bonita...  
«Foi, ou não foi, mau olhado?!»*

*Então muito abespinhada,  
Furiosa, batendo o pé,  
Encarnação logo brada:  
«Fula, sim, apaixonada  
Por um fula da Guiné!...»*

*Felizmente a essa hora  
Bem longe da Encarnação  
Já seguiam barra fora,  
Enquanto a pegnena chora,  
Os Fulas da exposição.*

\*

*Certa novela desbanca  
Esta simples historieta:  
Há «Pretos com alma branca?!»  
Pois também, franqueza, franca,  
Há brancas com alma preta!...*

ÉLETÉ.

# DESCANSO SEMANAL

## A MARIA RITA e o COMÉRCIO DE GAIA

De onde se prova que a MARIA RITA não tem razão quando acusa a fôlha do sr. Manuel Ribas

O Jornal do Homem das Barbas, que se publica semanalmente no vizinho concelho de Gaia, está zangado conosco. E zangado, dá-nos o que lhe apetece, porque cada um dá o que tem e não é mais obrigado.

E êle deu-nos com esta pela cara:

### A gralharia...

*Que praga!... Malditas gralhas!... Estas avezinhas de plumagem azul-negral e dum canto mais que arrellador, assim que levantam vôo na oficina de tipografia do nosso jornal, ninguém as atura. Funesta a hora em que construíram ali os seus ninhos... Grão de trigo rôxo que espalhamos pelo sobrado não as tentam a engulir. Foi o diabo que nos apareceu à meia noite, porque muitas satisfeitas com a vidinha, entreteem-se a debicar nos granéis da composição, arrancando e deslocando os caracteres móveis, para consequência dum trabalho aturado dos tipógrafos — que as dizem espantar de vez e o que não tem sucedido como os nossos leitores amigos já notificaram.*

*Uns vôos pequeninos desses pássaros cinzostros, indo dos caixotins do tipo até aos componadores metálicos, é mais que suficiente para aquelas malvadas se intrometerem com os exércitos de letrinhas levantados ao longe dos galões.*

*E quantas vezes pensamos ter as páginas na máquina sem a nota discordante da permanência das gralhas e estas nos aparecem depois do jornal prontinho para desassossego da nossa alma branca...*

*E são aos bandos se não tentacionamos encontrar mais que meia dúzia! Uma tragédia que cessa pelas críticas severas a quem rabiscou o assunto, uma tormenta para as ditas avezinhas de olhos postos nos nossos olhos em prece fervorosa e suave como que a pedir-nos perdão dos caprichos que as levam a cometer o mal sem remédio... se a folha já está impressa.*

*Um mar de censuras que recebemos ingloriamente porque grande é o nosso esforço para senar essa peste que não larga cá a Gazeta, desde que o sr. Zé do Nabo deu para mandar manteiga para a Rita Bêbeda, abdicando da nossa estima, etc.*

*A muitos outros mequetrefes que se entregam à tarefa de lavar sem sabão (gíria apropriada), prometemos remediar o mal que as gralhas nos causam.*

*Andamos de arma a tiracolo e cartucheira... vazia à cinta, afim de levarmos a cabo a louvável iniciativa de reduzir a cinzas todas as velhacas que nos atormentam.*

V. D.

Que perfeição! Que beleza de linguagem! As gralhas ao lerem isto até se transmudam em pavões! Isto é um cântico sr. V. D.! Pena é que tenha êrros de tôda a espécie: de redacção, de ortografia e de composição. Olhe lá: não haverá aí por casa, já que não há uma águia, ao menos uma gralha gigantesca que o rapte. Olhe que na fábula deram-se raptos por menos.

Pois, meus senhores, dêste mesmo número em que a nossa MARIA RITA

Assinada por Raúl F. Santos, o célebre correspondente da Madalena para o «A Luz do Operário», recebemos uma carta extensa que gostosamente publicaríamos se tivéssemos a certeza que fôram ss suas bem-fadadas mãos que a assinaram.

Traz poucos erros, porém, e pouquíssimas frases empoladas, e por isso não deve ser dêle.

Da-la-hemos, no entanto à luz da publicidade, se uma confirmação nos chegar, devidamente autenticada.

é acusada de alcoólica (que fino sr. V. D.) vamos dar alguns recortes felicíssimos.

Primeiro:

### Notas sociais

*Pelo distinto professor sr. Lucas Evangelista da Cunha Barradas marido da sra. D. Rosa da Conceição Barradas, foi no passado domingo pedida para seu filho, o nosso presado camarada Luiz Barradas, estimado empregado do Banco Espírito Santo, a mão da gentilíssima menina Elisa dos Santos Veloso e da senhora D. Ana Veloso, e neta da sra. D. Elisa dos Santos Veloso.*

*O enlace realiza-se oportunamente.*

Nós somos dos que conhecemos o noivo. E' nosso colega também nas lides das letras, que se descontam por bem dos nossos pecados. E' bom rapaz, de bons costumes e não é tolo em nenhuma das acepções. E é por isso que ficamos a pensar como é que êle se foi meter na camisa de onze varas de pedir duas mulheres ao mesmo tempo. Você não acha muito, ó Barradas?!...

Segundo:

Êste é um enxêrto produzido por um conto que o sr. Lutero C. Almeida foi buscar não se sabe aonde:

*Era assim que ha muito banhado de alegria sentia na alma uma ventura sem limites, sempre que meus olhos vizavam da minha janela o rosto gentil da minha vizinha, — uma encantadora «mignone» de 15 primeiras, olhando-me com seus olhos fascinadores e sorrindo-me com sua graciosa boquinha, cujos labios assimilavam duas formosas cerejas.*

A avaliar pelos pronomes possessivos, deve ter sido traduzido do francês mas a assimilação não foi completa. Não percebemos, porém, o que será uma mignone de 15 primeiras. Na gíria teatral quando se chega às 15 primeiras, costuma ser uma festa de autores. Seria isso?... Não vizamos bem.

Terceiro:

Agora uma belíssima poesia que o sr. Rocha Pinto escupi para a posteridade. Bem sabemos que pode haver quem diga que se não aproveita uma quadra; mas é mentira, porque nós aproveitámo-las quasi tôdas.

### Quadras soltas

(A' D. Maria da Conceição)

*Maria facho da claridade  
Que expandis em mim o teu clarão.  
Virtude e o tempo da verdade  
Eis, onde folga o meu coração.*

*Os teus olhos são tão lindos  
Mais belos que os diamantes  
Duas pérolas infindas  
Que faz sonhar os amantes!*

Não rima, mas deve ser verdade.

*Os teus olhos são tão lindos  
Que quando os vejo brotar  
Essas pérolas infindas  
Logo me fazem chorar.*

*Sabes o que é o amor?  
Analisar este enigma?  
O Bem, a Verdade, a Dor?  
O eu chamar-te só minha?*

Também não rima. Mas como é um enigma, passa.

*Embora seja o tormento  
Da terrível incerteza.  
Amor, perfeioamento  
E' o que és na natureza.*

*De a-bastro de setim  
Tens o teu peito formado  
Lindas, pérolas sem fim  
Rosas do mundo inspirado.*

Ai Cristo!

*Minha boca quis beijar  
Com devoção e carinho  
Sem mêdo ao furor do mar.  
Teu peito prazer dum ninho.*

Não se percebe, mas não faz minga.

*Mas espero linda Maria  
Com esplendor de afirmação  
Esta nossa infinda alegria  
Belo aneio dum coração.*

Isto é o que se chama amontoar palavras ocas.

*Aves que voais nos espaços  
Deuses, alegrias e amores  
Maria empresta-me os teus braços  
Voaremos, qual belas flores.*

Não tem âsas, mas avoa....

*Glórias são as do teu peito  
Divindades que eu amarei  
Não existe amor mais perfeito  
Do que aquele que te jurei.*

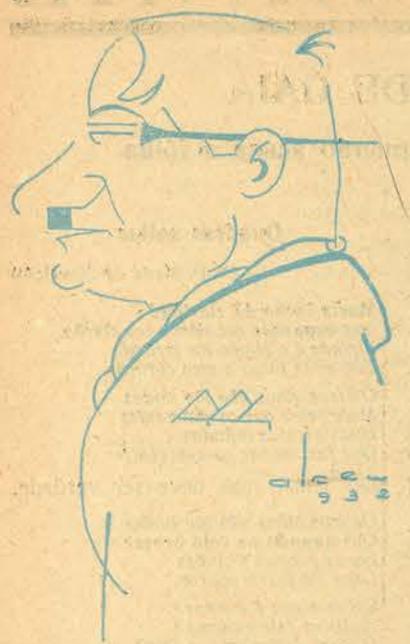
*Sentir tão grande sofrimento,  
Sofrer como o inocente?  
Dor! Tu nunca tormento!  
Onde estás moral conciente?*

José Alves da Rocha Pinto.

Percebes, leitor? Isto é do Comércio de Gaia.

De onde se prova que as quadras são soltas de todo. Até o seu autor anda sóto!... Não vale a pena comentar, pois não.

E teem estes tipos coragem de chamar Rita Bêbeda à nossa MARIA RITA. Verdade seja que só nos deu nas canelas.



(Caricatura de Alceu).

## ALCEU moço caricaturista

Alceu dos Santos, estudante da Faculdade de Farmácia, foi um dos raros que responderam ao chamamento feito aos *gavarnis* da Academia para colaborar nas nossas páginas.

E', portanto, um colaborador da nossa revista *O Académico*.

Trata-se, porém, de um jovem com decidida vocação e, por isso, damos hoje nestas páginas duas esplêndidas caricaturas criadas pelo seu lápis, uma de Gandhi, o revolucionário indiano, e outra do Dr. Abel Salazar, o professor insigne da nossa Faculdade de Medicina, artista ilustre e distintíssimo escritor.

Como o leitor verá pelas presentes gravuras, Alceu tem um belo talento para a síntese caricatural, possuindo uma certa originalidade e traço firme.

MARIA RITA, que morre de amores por todos os caricaturistas, oscula a frente de Alceu e estreita-o contra os fartos seios.

# NATAL NATAL!

## O nascimento de Jesus — Fuga para o Egipto

**F**AZ hoje 1932 anos o *Menino Jesus*, o menino mais velho que ainda houve no mundo. Prendado filho de Maria e do carpinteiro S. José, brilhante ornamento da construção civil, — o *Menino Jesus* conta nesta redacção com grandes e indefectíveis amizades.

Desde o Arnaldo Leite, católico de gema e clara, ao Octávio Sérgio, revolucionário cristão, todos à uma temos o *Menino Jesus* em grande conta.

Está, pois, esta casa em festa. MARIA RITA embandeira em arco e dá estalinhos com a bôca a imitar os foguetes de três *repostas*.

*Viva o Menino Jesus! Viva!*

### Á MARGEM DA HISTÓRIA

#### Como e porque nasceu o Menino Jesus

Dizem os sagrados livros, segundo a edição que possuímos, de Fraga Lammers, em tradução de Campos Monteiro, que estando S. José a aparelhar umas tábuas de fôrro, lhe entrou em um dedo uma farpa de madeira, o qual dedo começou a inchar medonhamente.

A êle acudiu Maria carinhosamente; e pegando em uma tira de alvo linho, ali lhe fez um penso com açúcar escuro e teia de aranha.

Então, José, sentando-se no banco de seu ofício, deu um *ai* profundo e disse:



— Escuta aqui, Maria: Eu estou velho e acabado. Bem acabado, por sinal. Tão bem acabado como qualquer de essas mezinhas de cabeceira que eu costumo fazer para o Nascimento... Era preciso arranjar um catraio por mor de me ajudar na lida...

— Um menino, queres tu dizer... — entrou a Senhora, um tanto de reprimenda ao plebeísmo do seu bem amado espôso.

— Inzatamente! — disse o santo carpinteiro...

A Senhora, de olhos purísimos, olhou José e, pérolas brotando-lhe dos lábios,olveu:

— José, meu Senhor, onde vais tu, descobrir um aprendiz?

— Ora, boto um anúncio no *Notícias* e tu verás que *hadem* aparecer, em vez de um, mil!

— Pode ser, pode ser — disse Maria, absorta em um lindo sonho.

E, a fazer menção de retirar-se: — Vou-me até à cozinha ver por lá a tralha... De aqui a nada são horas de pôr a aguarela ao lume... Fica-te tu, com Deus, José.

Mais tarde, um *coup de telefone* despertava José que, encostado ao tórno, escrevia com a cabeça o prólogo de um sono profundo...

— Daqui, *Jornal de Notícias*... E' da oficina do Sr. S. José?...

— Sim, sim... Sou eu mesmo... Entendido... Arranjou-se? Sempre apareceu... Bem, bem... Eu depois mando pagar o anúncio.

E foi porisso que, na maravilhosa noite de 24 de Dezembro de há 1932 anos, nasceu, por obra e graça do Senhor, o *Menino Jesus*, que mais tarde, feito homem, morreu na cruz por tôda a gente.

Foi pena não se ter dado o contrário. Era preferível ter morrido tôda a gente.

### A fuga para o Egipto

Entretanto, Herodes, percussor de Mussolini, reinava na Judeia...

Sabem os senhores leitores perfeitamente o que acontece quando um Herodes arma em têsô...

E' um nunca acabar de prepotências.

Decretada a degolação dos inocentes, José entrou aflito em casa, gritando para a senhora:

— Maria, arranja as trouxas e trás o pequeno...

E foi pelo burro à estrebaria, enquanto a Senhora mudava os coeiros ao Menino.

Anoitecia.

Um luar de maravilha poalhava as coisas de cinza. A passarada noctâmbula bamboleava-se nos arvoredos, casquinando alegres canções, a modos que rindo...

Lá ao longe, José guiava o burrinho em que se sentara Maria com o Menino ao colô.

De repente, na noite ouviu-se uma voz:

— Quem vem lá?

Era a guarda fiscal que queria saber o que levavam nas trouxas. Podia ir por lá carne de porco, algum salpicão...

— Bós sendes antão a Sagrada Família? — perguntou em voz aguardentada o guarda fiscal, dando às palavras um acento de ironia.

— Quais familia, nem meia familia! A familia dou-vo-la eu. A treta é muito conhecida. Farto estou eu de mandar *sagradas familias* p'ro chelindró! A mim não me enganam *bocês* co'a *santidade*... Inda outro dia aqui apanhemos um que queria passar nada menos que dois almudes de *auguardente*... Esse, *atão*, não esteve com luxos... Não queria ser o Menino Jásus; vinha de barbas

ruivas e ainda se parecia um migalho com o Jaime Cortezão...

Diz que era o próprio Cristo em carne e ôsso!...

Ah! Ah! Ah!

Estibe boa, sim senhor!

O Cristo dei-lo eu com 15 dias no cagarrão, a pão e auga. Pois, comié?! Deu-se então um estranho milagre.

Do céu começaram a cair estrêlas...

Duas caíram sôbre a manga do dôlman do soldado, que logo se julgou general.

E como a um general não é dado fazer quartos de sentinela, vá de largar a espingarda e ir passear.

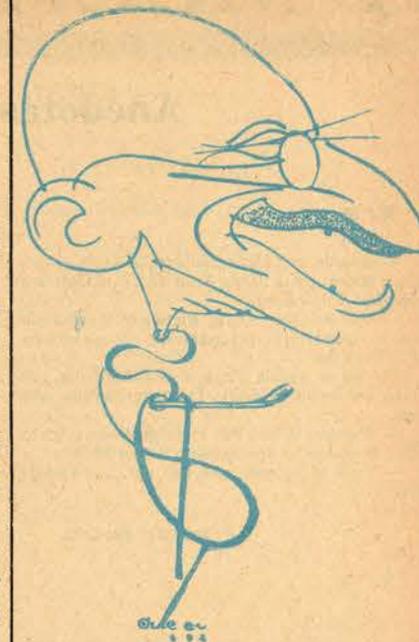
Desembaraçada da sentinela, passou por fim a Santa Família, alcançando algum tempo depois a fronteira do Egipto, de onde nunca deu notícias, nem ao menos num simples postal ilustrado...

### Do cristianismo de Jesus ao Cristianismo de Carvalho

Data de êsse histórico tempo, com perdão de todos os republicanos históricos cada vez mais geográficos, o *Cristianismo*.

Jesus Cristo fundou a religião do Amor, da Beleza e da Bondade. Mas os homens, estúpidos de nascença, nunca quiseram escutar o verbo divino de Jesus e desataram à taponar.

Foi por isso que das bandas da Rússia Vermelha nos veio o *Cristianismo... de Carvalho*.



(Caricatura de Alceu).

## Inquirónica di o Braziu

A's hora di mecês rêcêbê estas mi-nhas inliteratura, porventura invêrosimi, mais vêrdadêramente concumitantes, deve às famia portuguesa si achá rêunida em sêssão magna totalitaria em volta di às mesa di às ceia nâtálica.

Nois, brasileiro estemo todo contenti porque o Menino Jásus nasceu na Bahia, segundo as indeclarações di o históriádô Rocha Pombo, qui é um di os maiore inventô di historia qui ainda houve, o qui nos faiz acrédiá qui tôda á familia di Deus násceu mêmo no Braziu, essa terra abençoada ondí á onça tem gôrgeios na garganta si empoleirando-si nas arvi, e o sábiá dá urro di estarrecê às criancinha.

Arriceba mecês as boas-festas di mim e não si esqueça di me dar também as boas-festas, porque eu faz colecção di bilhete postal inlustrado.

Dr. JACARANDÁ.

*Pozes escritas* — Em a minha próxima inquirónica coçarei às costas de Agostinho di Campos. — Dr. J.

# A MELHOR QUE EU SEI

## Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 43.

N.º 58

Uma tarde, no Chiado, encontrava-se um grupo, de que faziam parte Jaime Artur da Costa Pinto e o conhecido Tabordinha.

Como se sabe, Costa Pinto era de elevada estatura, o contrário, precisamente, do que sucedia ao Tabordinha.

Passou a Angela Pinto, e o Tabordinha, que estava em frente de Costa Pinto, largou-lhe uma piada.

A Angela voltou atrás e, dirigindo-se a Costa Pinto, exclamou, — apontando o Tabordinha:

— Você já reparou que tem um... botão de fora?!

Remetente: Busina.

N.º 59

Na farmácia.

Uma mulherzinha entrega ao farmacêutico uma receita para aviar e, ansiosamente, pergunta:

— O senhor faz favor de me dizer se esse remédio é para a *entrite*?

— E', é para a enterite.

— E onde é a *entrite*?

— Essa é boa! Onde há-de ser, se não nos intestinos?

— Ai, é nos *entretinos*? Tem a certeza?

— Pois tenho.

— E como é que o senhor sabe? E' pelos remédios?

— E'... é pelos remédios.

— Ai, muito obrigadinha.

Tirou-me um péso de cima de mim, que não calcula. E' que o senhor médico doutor disse-me que era *entrite* o que o meu menino tinha: vai daí, eu fiquei muito alita, pois se a *entrite* estivesse metida nas tripas, era perigosa, assim, como é nos *entretinos*, estou descansada!...

Remetente: Adriano X. Nel.

N.º 60

O chefe para o empregado.

— Então o senhor quer sair hoje mais cedo para ir ao enterro de sua tia?

— Sim senhor. Caso não chova.

Remetente: Lizé.

N.º 61

Num tribunal.

Interpelados pelo oficial comparecem marido e mulher para em conferência resolverem sobre o destino do filho menor do casal dissolvido: O Juiz procura harmonizá-los. O marido quer ficar com a criança. A mulher também.

A certa altura diz o marido:

— Vossa Excelência dá licença?

— Fale, diz o Juiz.

— V. Ex.ª conhece uma gare de caminho de ferro?

— Conheço, diz o Juiz.

— V. Ex.ª conhece umas máquinas que há lá que tem uma fenda por onde se mete uma moeda, saindo por uma abertura uma *tablette* de chocolate?

— Conheço, torna o Juiz.

— A quem pertence, senhor Juiz, a *tablette*?

A' pessoa que meteu a moeda ou à máquina?

— A' pessoa que meteu a moeda.

— Então o filho deve ficar comigo, senhor Juiz. E o Juiz concorda.

Remetente: Crisântemo.

N.º 62

Conversa entre dois meninos, destes que usam um anel de braço, e não sabem sequer descrever o seu escudo.

— Os meus antepassados, declara um, remontam às épocas mais antigas...

— Acredito que são velhos os seus pergaminhos, diz o outro, mas de-certo não quererá fazer-me acreditar que seus primeiros avós se salvaram na arca de Noé...

— Com certeza que não, observa o primeiro. Os meus primeiros avós tinham recursos suficientes para mandarem construir um barco só para eles.

Remetente: Romeirinho.

N.º 63

O pai depois de procurar o filho por toda a casa vai encontrá-lo diante de um espelho com os olhos fechados.

— Estás maluco rapaz. Como queres ver-te ao espelho se tens os olhos fechados?

— Queria ver a cara que tenho quando estou a dormir.

Remetente: Zecas Laines.

N.º 64

Uma senhora muito chique, entra em uma confeitaria e dirige-se ao empregado:

A *senhora* — Dá-me 250 gramas de queijo flamengo.

O *empregado* (com delicadeza) — Um 1/4, minha senhora?

A *senhora* (distrada) — Não, dê-me só 250 gramas pois não venho prevenida para mais.

Remetente: Amaranantino.

N.º 65

O professor tinha estado exposto várias precauções para evitar desastres especialmente quando se viaja em caminho de ferro. Notando que um rapazito estava distraído, durante a explicação, perguntou-lhe no fim:

— Raúl, porque é que não devemos atirar garrafas vazias pela portinhola do vagão?

Resposta do Raúl:

Porque dão um escudo por cada uma.

Remetente: O Rei Vagabundo.

N.º 66

A esposa para o marido doente:

— António: quando faleceres deixas-me ficar muito rica?

— Talvez! Talvez! Se tu te portares como boa esposa até à semana dos nove dias deixo-te ficar o meu nome como relíquia.

Remetente: Francisco Rodrigues.

N.º 67

Certo cavalheiro entra num botequim e manda vir um café e um copo de água, acaba por beber água e diz para o criado:

— Ai que água tão fria, não sabia dar-me desta água no verão, seu bruto.

Remetente: António Machado.

N.º 68

Empregou-se em certa pastelaria um rapaz como marçano. O patrão, depois de lhe fazer várias recomendações, disse-lhe mais:

— Devemos dizer sempre ao freguês que os nossos produtos são os melhores, ouviste?

Dito isto, o patrão saiu. Passados instantes entra uma freguesa no estabelecimento e pergunta ao rapaz:

— Estes pastéis serão bons?

— Isso não presta, minha senhora, os nossos produtos... são melhores.

— Então não são feitos nesta pastelaria?

— Devem ser, mas os nossos produtos são melhores.

— E este bôlo-rei? E' fresco? Será bom?...

— Isso também não presta, os nossos produtos são muitos melhores. Esses é que são frescos e bons...

A freguesa, desconfiando que o rapaz estava a agradecer com ela, faz ouvir dois *Ecoss de Cacia* sem «i» e diz, retirando:

— Não são mais frescos do que estes, que saíram mesmo agora do forno...

Remetente: Olegna.

N.º 70

— Donde vens?

— De meter um requerimento ao pelouro dos cemitérios, pedindo licença para exumar minha sogra, que está enterrada em sepultura rasa.

— Ora deixa-a lá estar que está bem.

— Que necessidade tens de fazer essa despesa?

— Não entendo economias neste ponto.

Basta lembrar-me que desta maneira a enterro duas vezes!

Remetente: Kikinha.

N.º 70

No tribunal:

O *juiz* — Como se chama a testemunha?

A *testemunha* — Lina Rita dos Santos.

O *juiz* — Mas a senhora testemunha, no seu depoimento, disse chamar-se Virgolina Rita dos Santos.

A *testemunha* — Disse, sim senhor juiz; mas agora sou casada.

Remetente: Manuel L. Pereira.

N.º 71

Num baile

Exagêro de um biscaíno:

Certo ano houve tal frio na minha região que o mar gelou e os peixes ficaram todos inteiriçados.

Foi nessa ocasião que eu fiz uma bengala de uma enguia de cinquenta centímetros.

Remetente: Boubouble.

N.º 72

Numa aldeia próxima da Guarda, casou-se há tempos uma velha de 82 anos com um rapaz de 23.

Houve grande pagodeira, e os noivos foram recebidos com foguetório e música de cavalaria, pelos rapazes e raparigas da terra.

Pela noite velha, foi-lhes feita uma serenata puxada a ferrinhos, onde entre outras lhe cantaram a seguinte:

O beijo que eles trocaram

Nesta noite de casação

A ela soube-lhe a queijo...

E a ele... soube-lhe a ranço:

Remetente: Zé Barão.



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Tu conheces a Imortalidade? É uma senhora de cabelos brancos, muito bonita, muito simpática, que não abre as portas da sua casa senão aos raríssimos amigos que podem contar com ela...

Eu chamo-lhes raríssimos; é talvez exagero. Hoje em dia vai havendo bastantes, — fora os 40 da academia...

Poucos ou muitos, porém, a verdade é que a Imortalidade conserva os nomes deles sob um código de princípios seus, muito subtileza, que não há negar e que seria inútil transgredir.

Camões — é um apelido. Mas ela escolheu-o. Camilo é um nome próprio; — e ela adoptou-o.

Porquê? Vá-se lá saber. Porque sim. Creio, porém, que um dos dogmas que secretamente a move é a eliminação do *possidonismo*.

Porque tudo pode ser imortal; tudo, até um crime. Mas o *possidonismo*, esse, mata a Imortalidade. Chame alguém a Camões «o nosso grande Luís»; chame alguém a Camilo «o admirável escritor Castelo Branco» — e escusa de pôr mais na carta para perder o seu latim...

Eça de Queiroz, por exemplo. Ele pode ser *O Eça*, pode ser *Eça*, pode ser *Eça de Queiroz*; mas chamar-lhe: — *Queiroz*, falar na prosa de *Queiroz*, no talento de *Queiroz*, — é matá-lo. Que me perdõem o reparo Agostinho de Campos e Castelo Branco Chaves, aos quais já vi incurso nesse pecado... e no pecado de empregar o adjetivo *Queirosiano*, — que é medonho.

Nós podemos escrever: «quando o Gama chegou à Índia», «quando o Albuquerque assombrou o Oriente»; mas não deveremos escrever: — «quando o Dias dobrou o Cabo» ou «quando Castro defendeu Diu». Se me perguntarem porquê, levo muito tempo a explicar... Mas aceitem que *o Dias* tenha de ser Barotolameu Dias, que *Castro* deva ser D. João de Castro, que *Albuquerque* não possa ser *o Albuquerque*. A Imortalidade, ou simplesmente a História, tem o seu estilo, as suas exigências, a sua cor: e é sempre um erro não os respeitar, e é sempre uma imperícia não os sentir. — Pensem, para se compenetrarem bem da minha noção (que não é minha!), no que sentiriam se eu lhe dissesse: — «Alvares foi heróico nos atoleiros».

Matavam-me, com certeza, depois de saberem que eu me referia a Nunálvares.

Quando eu era pequeno, vivia perto da nossa casa de campo um Sr. João Antunes, mestre de obras muito cotado na região. Tinha duas filhas com quem eu brincava muito, e era casado com uma excelente criatura chamada Genoveva, — a *D. Genoveva*, para todos os efeitos da vizinhança.

Ela tratava o marido por: — Antunes.

A' mesa, a sua solicitude uxórica traduzia-se por perguntas amoráveis como estas: — «queres mais feijão, Antunes? — Antunes, sentes correntes de ar?» E mesmo, depois, quando o marido partia para a sua nobre faina de erguer alvenarias, era sempre assim que ela o evocava: — «Antunes teve que ir hoje a Lisboa. — Já disse a Antunes que a porta da capoeira se queria concertada»...

Confesso humildemente que, naquele tempo, a fórmula me parecia envolver certa magestade forte.

Mas depois, quando comecei às voltas com os tradatistas, tantas vezes citados assim, sem artigo, numa grave pompa de sabedoria que ensombrou a sebenta, — lembrei-me muitas vezes da *D. Genoveva*, e sorri.

Não. Não se brinca com os nomes, — sobretudo no melindroso limiar da história.

Vem isto a propósito de umas entrevistas que um jornal de Lisboa anda a publicar, feitas com o Dr. Oliveira Salazar.

Admiro imenso a obra financeira do insigne estadista, e entendo, como português, que tenho o indeclinável dever de ser-lhe grato. Com todos os erros que possam apontar-lhe, — e não vejo que possam com justiça apontar-lhe muitos — o seu nome ficará gravado entre os mais altos do nosso feio momento histórico. Digo isto a sério, porque o sinto, e como o sinto. O que não tomo a sério, o que, como mera forma literária, é infeliz, — porque é *possidonio* — é a maneira por que S. Ex.<sup>a</sup> é tratado, nessas entrevistas. «Salazar disse, Salazar ouviu, Salazar para cá, Salazar para lá...» Não. É inaceitável, literariamente! (Isto não tem nada que ver com a essência das mesmas entrevistas; é um mero comentário literário). Eu admiro imenso Eça de Queiroz, — mas não o aceito, a sério, como: — «Queiroz». Da mesma forma, admirando imenso o Dr. Oliveira Salazar, não posso ler sem um arrepiado sorriso, o seu nome despido do que lhe pertence.

Sabe S. Ex.<sup>a</sup> que, em conversa, em família, nós dizemos todos os dias: — «O Salazar decretou; O Salazar resolveu». Isso, essa familiaridade amigável, só pode honrá-lo. Mas, justamente porque existe, não se compadece com aquela pompa muito balofa, assim dada a um nome familiar.

Eu bem sei que Emil Ludwig, quando foi entrevistar Mussolini, fez o mesmo e o explicou sensivelmente com as mesmas razões. A tradução é, porém, deslocada... Sem dúvida, Mussolini e Oliveira Salazar são duas culminantes figuras latinas. Mas uma tem um recorte de violência aguerrida, que na outra se converte no desenho brando e transcendente de uma intelectualidade de gabinete. Ainda há bem pouco, era a Alemanha governada pela superior inteligência de um homem que ia dar murros retumbantes nas mesas das Conferências Internacionais; e todos nós lhe chamávamos, como tôda a Alemanha, lhe chamava: — Stressmann. Ao mesmo tempo, era a Austria governada por uma inteligência também superior, por uma vontade também lucidíssima, — contidas noutro homem muito diverso, calmo, espiritual, sereno; e todos nós lhe chamávamos, como tôda a Austria lhe chamava: — Monsenhor Seipel. Emil Ludwig sentiria a diferença... E nós também a sentimos.

Se estas linhas forem vistas pelo insigne estadista português a quem me refiro, a sua inteligência concordará comigo em que mais valerá firmar para a História o nome que ela recolherá, — do que reduzi-lo a uma reminiscência, literariamente imperfeita, dos tempos em que «Antunes» impressionava a minha meninice.

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## Vários "Maneis"

(A's «Marias» de José Alves)

### MANUEL DA ENCARNAÇÃO.

Teu pai, amigo Manel,  
Morreu c'um grande pião.  
Por isso tu tens, meu caro,  
Do teu pai a encarnação.

### MANUEL DA CRUZ.

Casaste amigo querido  
— Que o fizesses não supus —  
Por isso agora agientas  
Manuel, a tua cruz.

### MANUEL PAIXÃO.

Por te teres apaixonado  
P'la filha do Zé Nabiça,  
Foi que essa ingrata donzela  
Há dias te deu co'a «Xiça»

### MANUEL MARIA.

Não gramas bem as mulheres,  
— E vê lá tu a ironia! —  
Que juntaram ao teu nome  
Mais o nome de Maria...

(Aveiro).

OLEGNA.

## Posta restante

*José de Sousa Pinto — Angola* — Obrigado pelas suas felicitações. MARIA RITA oscula-lhe a fronte amiga, desejando um 1933 muito feliz.

*Amaral* — Extraviou com certeza. E lá se foi um prémio. Paciência, a culpa não foi nossa.

*Oraprono Bis* — Tomamos nota. Vamos providenciar.

*F. Leal Júnior* — Gratíssimos pela sua curiosa lembrança. Ele está lá dentro... pode sair!... E oxalá que saia.

*Francisco A. Ferreira* — Obrigado pelo seu interesse. Infelizmente, porém, nenhum dos dois recortes será publicado. Porque não prestam? Não. Pelas seguintes razões: O primeiro teria de ser publicado com os nomes dos doridos, e isso é desagradável. Do segundo, conhecemos nós, por acaso a história. Foi publicado de propósito e positivamente errado. E a senhora aniversariante é das nossas relações e amiga da MARIA RITA. Tenha paciência e mande sempre.

*Lindo Ar o C'stá* — Veio tarde. As glosas não estando aqui até à 4.<sup>a</sup> feira não poderão ser publicadas. Foi pena. Obrigado pelas suas boas palavras. São sempre necessárias.

*Rutra Luar* — Fazemos nossas as palavras do orador antecedente. Tenha paciência.

*João H. Bacelar* — Se a MARIA RITA, tivesse uma bolsa própria para despesas de correio, seria em carta registada que lhe agradeceríamos. Assim, pedimos desculpa à sua modéstia para lhe dizermos muito obrigado.

A sua intenção dos *nossos pobres* já foi nossa também. Mas apareceram por aí tantos peditórios, falados, escritos e radiados, que a MARIA RITA até se envergonhou.

## Epitáfio

Aqui jaz o taberneiro  
António Rodrigues Pinho  
Morreu no rio afogado  
Ao deitar água no vinho.

Lino G. PEREIRA.

## Boas - Festas

O Académico faltaria a um dever sagrado se não cumprimentasse neste glorioso dia do Menino Jesus todos os senhores professores e alunos de todos os estabelecimentos de ensino da Cidade do Pôrto e ilhas adjacentes.

Neste dia faustoso fazemos tréguas... Aceitem, pois, todos os professores ilustres e até mesmo os que o não são, os nossos cumprimentos de Boas-Festas a mai-la rapaziada fina, inclusivé os que não fôrem muito espertos.

## Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

IX

### O Leão

Lyneu

*Eis uma lição em que a voz da minha pena vacila timoratamente...*

*Não admira: trata-se de um leão, e um leão não é para brincadeiras, nem mesmo disfarçado de tapete ao pé dos pés dum sofá.*

*Leões há muitos.*

*Eusébios, que eu saiba, só houve um e foi nosso ministro em Roma, no tempo em que era moda os governos oferecerem raridades de presente ao Papa.*

*Houve um também que foi Bispo do Pôrto.*

*Além disso há o «Leão d'Ouro» na Praça da Batalha, mas êsse é inofensivo e só serve para tomar café nas horas vagas.*

*O leão é um animal muito inteligente e aprende a ler com muita facilidade. Apareceu um na Rússia chamado Tolstoi que foi até um grande escritor.*

*Existe, ainda, o leão das salas, mas êsse não mete medo a ninguém, nem mesmo às mulheres.*

*Das relações ilícitas de um leão com uma*

*êgua, nasce um exemplar chamado leão cavalo, animal de grandes tendências musicais.*

*Em Itália houve um de estes animais que deixou numerosas partituras...*

*O leão é sempre filho de outro leão.*

*Não há memória de ter aparecido um leão com dois pais. Nesse particular, a vida na selva é muitíssima mais honesta do que nas grandes capitais.*

*A fêmea do leão chama-se leoa, a qual, por sinal, se atira ao macho como quem é — querê dizer: como uma leoa.*

*As leoas são muito amoráveis e românticas, retirando-se ainda hoje, por dá cá aquele fêmur de preto, para um convento.*

*São célebres na literatura africana as Cartas de Soror Leoa de Alcool Canforado ao Leão de Chamilly.*

*Os leões são muito dados à religião e elegem entre si um Papa, como chefe supremo.*

*E' muito curioso o processo que os leões usam para a eleição do Papa.*

*Formam em linha e um de êles põe-se a contá-los.*

*Quando o leão que está a proceder à contagem diz — número 13, os leões começam a gritar: E' êle o Papa! E' êle o Papa!*

*E fica eleito o Papa.*

*Devo declarar aos meus discipulos que o leão que faz a contagem nunca se conta a si.*

*Quem conta consigo é burro e um leão não desce a tanto.*

*O leão serve para comer pretos, trabalhar nos circos e fazer tapetes.*

*Para fazer tapetes é, porém, aconselhável esperar pela sua morte, ainda que prematura.*

*Em vivo, dificilmente deixa sacudir o pó.*

### Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Naufragos.

## Elegâncias académicas

Partiram para férias todos os estudantes que não são do Pôrto.

Parece incrível, mas é verdade.

Boa viagem e feliz regresso.

Consta que vai passar as férias na Brasileira o Prof. Dr. Marques de Carvalho, a convite do Dr. Miguel Braga e sob a promessa de estar calado cinco minutos.

Foi autorizado o Prof. Dr. Luís Cardim a prolongar as suas férias até quando Deus quiser.

Fazemos votos porque Deus seja comedido.

Também os Senhores Professores que são naturais da província e, como diria o Xisto Ximenes, artificiais do Pôrto, regressaram às terras de suas naturalidades com a maior naturalidade de êste mundo.

*Dr. Carlos Santos* — Diz-se nos meios galináceos que um certo galo vai intentar uma acção contra êste conhecido professor por êle andar sempre a chuchar com os pintainhos de tenra idade. Realmente não é para menos.

## Livros em segunda mão

Novinhos em fôlha, alugam-se durante as férias do Natal a qualquer trouxa que queira estudar.

Preços módicos.



## Três vezes três, nove

### Quem é?

Está no Pôrto, há algum tempo,  
mais a sua companhia;  
mas será muito provável,  
que nos deixe qualquer dia.

Quem é? — Eu vô-lo direi,  
Antes que êle se espante;  
mas ao certo é que eu não sei  
se é do Pôrto ou d'Amarante.

Fantasma NEGRO.

### Anexim

Um dia comprei um fato,  
Dos que vende um adeleiro;  
Julguei-o bom e barato  
E foi por pouco dinheiro.

Pois eu todo encavacado,  
Dei cabo dêle na festa,  
Porque lá diz o ditado:  
..... (?)

Francisco J. RODRIGUES.

Decifração do número anterior — Quem é?  
Bernardo Ferreira.

**Matadores:** Só Darco, Alvarcarso, Tom Mix,  
Lizé, Reirobi, João da Sé, Monteiro I e II, Octá-  
via Maria, Abd-el-Krím, Fantasma Negro, Ama-  
rantino, Rei do Jazz, Bob Custer, Denis King,  
Cirrado, Zé Barão, Seugirdor, Harold!

## Casacas... de Penafiel

Arrochelândia, 15.

**FIAT LUX!** — A cidade continua às escuras.  
E' justo, justíssimo mesmo. Para que é ela neces-  
sária se se decreta para que *não se faça luz?*  
Em nome da moralidade pedimos para que  
tudo continue às escuras.

**VISITA** — Tivemos há dias a de um grupo  
coral que aqui veio dar um concerto a favor do  
seu cofre.

A direcção desse mesmo grupo, escreveu com  
a devida antecedência a diversas associações e  
entidades particulares desta terra pedindo para que  
os fôsem esperar, prestando assim a devida home-  
nagem ao grupo visitante. Não sabemos se pediam  
para que os penafidelienses levassem... fogueiros.

Ora por êste andar, nada nos admira que, na  
próxima visita do amigo Chaby e da sua compa-  
nhia, êste officio à nossa edilidade, e faça convites  
nos jornais para que o povo de Penafiel os vá  
esperar a Senradelas acompanhado da respectiva  
banda, etc... E' lógico e estamos de acôrdo.  
Viva Eu...

**PRAÇA MUNICIPAL** — Terminou há bastan-  
te tempo a pintura a *duco* do calcetamento  
desta praça. E' para louvar êste grandioso melho-  
ramento.

**MARIA RITA** — Só há pouco tempo a  
conheço e confesso que simpatizei consigo pela  
primeira vez que a vi. Gosto de me rir e creia que  
aos sábados, nunca me deito, sem a levar comigo  
para *vale de lençóis*. Malícia ao largo, é claro.

Por isso, seja benvinda D. Maria e que Deus  
a conserve por muitos anos, sempre risonha, bem  
disposta, na companhia dos seus adorados *filhi-  
nhos*, todos êles cheios de arte e manha para as  
coisas engraçadas. Assim seja...

Oraprono BIS.

Ela chamava-se Maria da Purifica-  
ção. Era filha dum pai e de uma mãe,  
como de resto acontece às outras pes-  
soas.

Foi crescendo, crescendo, até que  
se fêz mulher.

Um dia ouviu as palavras de Deus  
pela bôca do abade da freguesia: « Cres-  
cei e multipliquei-vos ».

Os anos foram correndo, correndo,  
enquanto ela levava aquelas santas pala-  
vras atravessadas como duas agulhas  
de « crochet » naquele peito robusto e  
patriótico.

Mas um dia, esperou que chegasse  
a noite e foi ter com o caixeiro da  
mercearia da terra, que era rapaz bastan-  
te sabido em contas, e pediu que  
lhe explicasse aquela multiplicação.

O rapaz fêz tudo que qualquer de  
nós faria diante de uma senhora que  
nos pede um favor.

E tôdas noites se encontravam para  
que ela ficasse a perceber alguma coisa  
de matemática.

\*  
\* \*

Passaram-se dois meses e a rapa-  
riga, que tinha aproveitado com as li-  
ções, deu-lhe a conhecer que êle a  
tinha enganado numa certa parcela.

O rapaz fugiu, como, de resto, faria  
qualquer de nós.

O pai da Maria, pôsto ao facto do  
caso e para que a Purificação não fôsse  
por água a-baixo, tratou de lhe arran-  
jar casamento com a maior brevidade,  
o que não foi difícil, graças a Deus,  
pois, como venho dizendo, era uma  
rapariga bastante honesta.

...E passados seis meses, depois  
do princípio da história com o caixeiro,  
casava a menina Maria da Purificação  
com o Procópio Pimpinela, abastado  
trouxa daquela praça.

## Conta bicuda

Havia numa aldeia, um par, casados,  
O Ramos da Peneda c'o a Maria,  
Ele ia pró trabalho todo o dia,  
Enquanto ela fazia os cozinhados...

A' noite, os dois, ainda enamorados,  
Falavam das mulheres da freguesia,  
Das faltas que uma ou outra cometia,  
Deixando os seus maridos encravados.

Vamos contá-los todos? Diz à espôsa.  
— O Ralf, o Teles, Tito e o Raposa...  
O Brito, o Neto, o Pio — sete são?

E *ramos*, diz a espôsa tôda esperta,  
E para ver se dão c'o a conta certa,  
Inda a contá-los todos hoje estão.

SILVARES.

Estamos agora no capítulo IX do  
grande e horrível drama.

Vão a caminho do Brasil. A Purifi-  
cação passeia pelo convés do vapor  
uma robusta gravidez.

No dia seguinte, às 18 horas e  
69 minutos é dado à luz da publici-  
dade mais um exemplar do sexo forte.

Procópio anda abatido e com um  
grande pêso na cabeça. E, resolvido a  
desvendar o grande mistério, pergunta  
à mulher:

— Olha lá, oh Purificação! Parece-me  
que aqui anda engano!...

E ela, impávida e serena, sorriu,  
sorriu e disse ao Pimpinela:

— E's uma besta!

— Mas é que... às outras mulhe-  
res, é só passados nove meses...

Veio uma onda que sacudiu o barco;  
e ela aproveitou a ocasião para esconder  
o cinismo que já lhe andava ao canto  
da bôca. Então, aproveitando as lições  
do caixeiro (abençoadas lições!) pre-  
gunta ao marido:

— Quantos meses namoraste co-  
migo?

— Três.

— Quantos meses namorei contigo?

— Três.

— Há quantos meses estamos casa-  
dos?

— Há três.

— Então está certo. Três e três,  
seis e três, nove.

Desde então para cá, considerou-se  
a matemática uma coisa absolutamente  
certa.

.....  
Ao longe, avistavam-se terras sô  
Getúlio.

A. SAMPAIO,  
+ além.

## Se casar a Beatriz...

Publicamos a glosa abaixo, retar-  
dada, em virtude de se ter extraviado  
a primeira via. Lamentamos o facto  
porque, positivamente, é uma das me-  
lhores sôbre êste mote.

Não são Vossencias gentis  
Ao lembrar mote tão triste:  
¿ Quem ao desgosto resiste  
*Se casar a Beatriz?*  
Ela irá para Paris  
Encomendar seus bebês...  
Acabam-se os rapapés,  
Os sorrisos, os gracejos;  
Ficam apenas desejos.  
*Lá se vai o burriê!*...

AMARAL.

# BOLA

# AO



# CENTRO

## O Norte-Sul de domingo

visto por um tripeiro que não é humorista,  
nem sequer jornalista

Ao aproximar-se o fim da semana passada o meu espírito achava-se envolvido em forte luta:—por um lado, a grande vontade de presenciar, em terras de muitas e desvairadas gentes, o *match* que os dirigentes sudistas tinham cuidadosa e hábilmente preparado e aonde contavam sossobrar a embófia dos Nortenhos; pois poderia admitir-se por mais tempo que os *marrecas lá de Campanhão* continuassem a subjugar a Capital?! Por outro lado, o dever, chamando-me à realidade das coisas, badalava-me que eram quasi dois dias perdidos, quando apareceu a solução salvadora! Os afazeres de um amigo chamavam-o a Lisboa e, portanto, se quisesse, ao findar o Sábado, pôr-se-ia o Oppel em marcha e, com a boa sorte, que ajuda os audazes, iríamos dormir à cidade das sete colinas; a manhã, para os negócios, a tarde, para o *foot-ball* e logo a seguir o regresso, e se bem o pensamos, melhor o executamos.

Ao entrarmos no Campo, já o seu aspecto era de enchente e então fomos apreciando os gargantas. Isto vai ser 3 a zero diziam uns, ou mesmo quatro garantiam outros. O Pinga, hoje, não *pinga* nada. Cem, duzentos escudos pelo Sul! quem aposta pelo Norte? grazinavam de encomenda os cauteleiros.

O meu amigo Nunes punha-se amarelo e mordía o charuto por não poder desabafar. Se calhar, vão dar-me cabo do rapaz, dizia êle!

Finalmente entra a rapaziada e logo a seguir um cavalheiro muito simpático, que de apito na boca e exibindo umas lindas cuecas cõr de rosa os chamou a todos, para de perto o apreciarem e dizerem se gostavam... mas o Waldemar, que estava com pressa tratou logo, mesmo contra o sol, de ver se o Roquete tinha a porta fechada.

E, então, começou uma verdadeira guerra; a bola, coitada andou numa roda viva a ponto de em breve lhe faltar o ar, nem admira... era de Lisboa. Com o material do Norte recomçou o bombardeamento, mas foi sol de pouca dura porque o Pinga, coitado, recebeu uma tal *delicadeza* do Almeida, que logo lhe prometeu em sinal de agradecimento não mais assustar o Keeper sudista.

O César, também, ia dando umas *marradinhas* no Carneiro a ver qual seria mais rijo, mas o principal herói continuava a ser o grande Almeida, que para mostrar aos seleccionadores

que era mesmo *home* para aquilo, acertava sempre, se não era na bola era nas canelas do Nunes e o pai dêste, coitado, ao meu lado, ia chegando ao rubro e jurava que embora fôsse dormir ao Torel havia de primeiro tirar as cuecas ao árbitro e dar com elas nas ventas de quem lhe esmurrasse o pequeno. Tivemos de o ameaçar com o abandono da nossa amizade para êle sossegar e podermos apreciar o fim de aquela primeira parte de canela-ball.

Passado o intervalo, logo de entrada, os nossos rapazes quiseram dar que fazer aos telefones, mas o Sr. Almeida deu mais um prato de *pinhões* ao Nunes e êste não pôde deitar espiche.

O cara de aço e mais o homem das luvas pregavam cada partida ao Soeiro que o punham mesmo à nora.

O público, começou a assobiar o ora vai tu que eu não posso ai ai, e isto mais desanimou os lisboetas... do Barreiro. Os nossos jogavam em cheio, e mesmo coxos tinham melhor perna.

Entretanto o César obrigou *delicadamente* o Carneiro a descansar um pouco e assim foram dando que fazer ao Szabo; e não queria a Federação que daqui fôsse um maçagista...

Estava porém escrito que o Mesquita lhes havia de estragar os cálculos e assim, como quem não quer a coisa, lá foi marcando um *goal*, para maior honra e glória da tripa.

Na segunda parte o árbitro mudou de calções e jurou que nunca mais arbitria, pois não podia admitir que os seus fôssem vencidos *malgrè tout*, pois não estava para fazer mais *fretes*.

E assim acabou aquela jornada, não sem o escrevinhador levantar dois vibrantes «ala-arriba» pelo Pôrto.

ARIEVILO.

## CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: A gloriosa revista em 2 actos *Mexilhão*.

*Carlos Alberto*: A peça em 2 actos e 5 quadros *A Viela dos Gatos*.

*Palácio de Cristal*: Espectáculo de Circo.

*Rivoli*: A desopilante produção sonora *O Rei do Beijo*.

*Olympia*: O fono-filme de grande êxito *Allô... Paris? Daqui fala Berlim!*

*Trindade*: O magnífico filme *Fascinação*.

*Batalha*: O fono-filme de emoção *Trader Horn*.

# ANUNCIOS

## da MARIA RITA

### ANDAR

Aluga-se, mobilado, em rua sossegada. Faz parte do recheio do mesmo, um gramofone, um papagaio, duas crianças muito *engraçadas*, os pregos das paredes e a sogra do inquilino transacto. Não se discute preço.

### CURSO DO "CHAUFFEUR"

Ensina-se a atropelar, de um modo infalível, qualquer pessoa, mas principalmente a gordos, mesmo que fujam para os passeios. Também se dão umas noções de anatomia para conhecer quais os sítios mais vulneráveis das pessoas a atropelar.

### AUTOMÓVEL

Vende-se um, de algumas velocidades, tôdas muito pequeninas, dois lugares muito apertadinhos, tipo *cabriolet* convertível em sucata.

Próprio para pequenas excursões, como da Praça à Serra do Pilar. Será arriscado ir mais longe. Preço: 500\$00; mas deve ser pago antes de se ver o carro.

### PENSÃO

Quarto e comida, por 10\$00 por dia, com direito a um entêrro de terceira, no caso do hóspede morrer de fome.

### SENHORA

Sabendo inglês, francês, alemão e hebraico e tocando piano, oferece-se para lavar roupa.

### CAVALHEIRO

Necessita empréstimo urgente de 5.000\$00 ou pelo menos, para já, vinte palhaços para o jantar. Enviar ofertas a esta redacção.

*N. B.*—Se demoram com a oferta, pede-se o dinheiro a outro.

Dr. K.

# AQUILO

## que não podemos publicar

Aqui tem os leitores mais um mimo poético que não podíamos deixar de lhes oferecer. Tratem de o saborear, que vale a pena.

### A minha ex-mulher

Versos que dedico ao que me substituiu junto dela como seu actual... espóso!

Ei-la: a minha ex-mulher, que é a tua, d'hoje—eu sei! Que o homem que eu fui já, o és tu... nesta ocasião! Eis a mulher que amei... de todo o coração! É a que, hoje o Amor te inspira... e só em ti faz... Lei!

Eis a minha ex-mulher... a qual eu tanto... amei! É a quem eu tanto quis... co'a mais atur... Paixão! Mas, que hoje só me inspira te dei e... Repulção! Por ver que a amas, tu... desde que a... Repudié!

Ei-la: — por quem hav'rás, da Dor, a ervada seta Dea: — por quem serás... qual eu já fui: um Poeta Anjo: — por quem chorei, e hás-de, talvez... chorar!

Ei-la: a Mulher Ideal — p'la qual ao fim e ao... pôlo Nos podemos servir... qual d'um comum... Modêlo! P'ra dois Poemas fazer... a-fim-de os... Comparar!

Paulo de CÓCORAS.



Para o mote

*Estive p'ra ser ladrão  
Por causa do teu retrato.*

recebemos as seguintes

**GLOSAS:**

Linda, esplendente, no Alvão  
tiraste a fotografia;  
e ao vê-la exposta outrodia  
*estive p'ra ser ladrão.*  
Roubá-la, que tentação!  
O decote, sem recato,  
mostrava o boleio exacto  
de um busto digno de rei...  
Ai, filha, como eu fiquei  
*por causa do teu retrato!*

**Kammon.**

Dizem que é a ocasião  
nem faz o ladrão. Talvez...  
Também eu, de certa vez,  
*estive p'ra ser ladrão:*  
roubar-te um beijo... Mas não!  
Esse enorme desacato  
seria um gesto insensato.  
E' que ando louco, acredita,  
por te saber tão bonita,  
*por causa do teu retrato!*

**Biturino.**

Em certa tarde de v'rao  
Stava eu em tua casa,  
(Esta ideia até me ubrasa).  
*Estive p'ra ser ladrão:*  
Como qualquer figurão!  
Duma doença me trato.  
Pois que fiquei abstracto  
de tanto tempo pensar:  
Ao que m'ia aventurar  
*Por causa do teu retrato.*

**Jullier.**

Mestre Pires, em confissão,  
Bisse a um padre em segredo,  
Tremendo, cheio do medo,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Mas o que faz confusão,  
E ao ouvir este relato,  
Fico mudo como um rato,  
Que acreditar isso custa...  
Foi por tua culpa, Augusta!...  
*Por causa do teu retrato.*

**Rei Louro.**

No dia de S. João,  
Quando andavas no relento,  
Eu tive um mau pensamento;  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Apanhei um figurão,  
Que com enorme aparato,  
Mostrava a foto dum gato!...  
Tive ganas de a roubar...  
E a cadeia ia parar,  
*Por causa do teu retrato.*

**Rei dos Nabos.**

Quando tu, oh Conceição,  
Filha do Manel da Moca,  
Me davas uma beijoca...  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Hoje vivo em aflicção,  
E qualquer dia me mato!  
Mesmo que me chames pato.  
Pareço um velho e não moço,  
Estou só com pel' e ósso!...  
*Por causa do teu retrato.*

**Sacripanta.**

Andei mendigando pão,  
Enxovalhando meu nome,  
E p'ra não morrer de fome,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
P'ra alcançar teu perdão,  
Fiz este papel ingrato.  
Mesmo assim est u-te grato.  
A-pesar d'esta pobreza,  
Via-te sempre beleza,  
*Por causa do teu retrato.*

**Lizé.**

Ao ver teu rosto, a carvão,  
Num caixilho emoldurado,  
Confesso-te, meu bem amado:  
*Estive p'ra ser ladrão*  
Tu, se é que tens coração,  
Assina-me este contrato:  
<P'ra que eu te contemple, abstracto,  
Dia e noite, com arroubo,  
Dás-me o carvão>. Senão roubo,  
*Por causa do teu retrato.*

**Co'atado de Camões.**

Algemado à sedução,  
A' magia do teu ser,  
Por te amar e bem te querer,  
*Estive p'ra ser ladrão:*  
Quis roubar-te o coração!...  
N'io sofreste o desacato;  
Recolli-me ao celibato...  
Sucumbindo às intrigas  
Das tuas nobres amigas,  
*Por causa do teu retrato.*

Tenho um terno coração  
Que a muitas vê e deseja...  
Mas como por ti lateja  
*Estive p'ra ser ladrão*  
do teu retrato a carvão!...  
Ves! amor! Um simples acto  
Dá valor a um candidato:  
Podia ser preso, julgado  
E até mesmo enforcado  
*Por causa do teu retrato!*

**Biturino.**

Eu armo até em vilão  
Amarro os colarinhos  
S'eu até por teus beijinhos,  
*Estive p'ra ser ladrão...*  
Mas se eu assim sou lambão,  
Com guloseimas me trato,  
E' porqu'eu vejo de facto,  
Qu'esta vida é um canudo  
A quem a Laura dá tudo...  
*Por causa do teu retrato.*

**Amaral.**

Não sejas mázinha... Não!  
Dá-me um beijo... que te custa?  
Oh linda Maria Augusta,  
*Estive p'ra ser ladrão*  
Não digas que sou lambão  
Que só com beijos me trato  
Não me des com o sapato  
Faz-me antes uma festinha  
Ao golo na cabecinha  
*Por causa do teu retrato.*

**Anagrama.**

Fui pedir a tua mão  
Ao teu pai em casamento,  
Negou-ma e nesse momento  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Pois senti a tentação  
D'effectuar o teu rapto  
Ir guardar-te a bom recato  
Até receber mereço.  
Mas não fui, sabes porquê?  
*Por causa do teu retrato.*

**Pires.**

Por esta ardente paixão  
Até me fiz pecador,  
Qu'is ofender o Senhor,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Cai em tal tentação,  
Sendo eu tão timorato,  
Concebi o desacato  
E' claro, imaginário,  
De profanar um sacrário  
*Por causa do teu retrato.*

**Lenote.**

Vi em sonhos a prisão  
Com seu cortejo d'horrores;  
Por causa destes amores  
*Estive p'ra ser ladrão*  
Fui herói na revolução,  
Sendo um homem tão pacato  
Eu, que não quebrava um prato,  
Tive dados imortais,  
P'ra aniquilar os rivais  
*Por causa do teu retrato.*

**Alvecos.**

Em tempos que já lá vão  
Oh!... Nem me quero lembrar!  
Em que, eu, sem bem pensar,  
*Estive p'ra ser ladrão;*  
A gaveta do patrão  
Já levava um desbarato  
Se um amigo sensato  
Me não aconselhasse:  
<Que o patrão não roubasse  
*Por causa do teu retrato.*

**Henrique Cardoso.**

Era tão grande a paixão  
Que por ti nutria, amor!  
E por te amar com fervor  
*Estive p'ra ser ladrão;*  
Mas... ladrão de profissão  
E não um «ladrão barato»  
Tinha pensar d'insensato  
Minha mente sonhadora!  
Sabes porquê, minha loura!...  
...*Por causa do teu retrato!*

(Lisboa).

**Só Darco.**

Gabaram-te num serão;  
E eu, que não conhecia,  
Quis ir roubar-te, Maria:  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Porém, nessa ocasião,  
Um amigo meu, sensato,  
Mostrou-me um tão caricato  
Busto teu, que... desisti:  
Fiz três figas e fugi,  
*Por causa do teu retrato!...*

(Santo Tirso).

**Adriano X. Nel.**

Em tempos que já lá vão  
In-a fazendo bonita!  
Quis roubar-te uma coisita,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Julguei-te um grande peixeiro,  
Mas ao dar-se o desacato  
Afinal fiquei no mato...  
E pensei logo em seguida  
Como ia indo à bebida  
*Por causa do teu retrato!*

(Aveiro).

**Olegna.**

Na noite de S. João,  
Estando contigo a brincar,  
Custa-me até, confessar;  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Sem p'ra tal ter pensão  
Me envergonhava tal «acto»  
Se não fôsse a razão do facto.  
Estás com coringidade?  
Pois ele foi na verdade,  
*Por causa do teu retrato.*

(Pôrto).

**Aviarias.**

Perjuro: que aflicção!  
Calcula a minha dor...  
Ao pensar, que por mor,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Restam a consolação  
De não perder o teu trato.  
(Pois não consumes o acto)  
E tu... oh minha faceira,  
Qu'asi faço essa asneira  
*Por causa do teu retrato.*

(Pôrto).

**Osodrac.**

Desses tuos lábios, que são  
Uma enorme drogaria,  
— Vê lá bem a tolaria —  
*Estive p'ra ser ladrão!*  
N'uma outra ocasião  
Sofri por ti tão mau trato,  
Que a minha sócia, c'um prato,  
Após revista à carteira,  
Dou-me cabo da caveira  
*Por causa do teu retrato!...*

(Aveiro).

**Zé Menes**

Diz-se que ta ocasião  
faz o ladrão... E' o caso.  
Confesso público e raso:  
*Estive p'ra ser ladrão!*  
Não mente pois o rifão;  
Pensei nesse feio acto,  
praticando o desacato,  
só por te amar, com ardor...  
Seria ladrão, amor,  
*por causa do teu retrato.*

**Elete,**

Já não tenho inspiração,  
Não posso espreitar «furo»  
Para o concurso «Perjuro»  
*Estive p'ra ser ladrão:*  
Mas depois da tentação,  
Fiquei meio abstracto,  
Eu que tanto te idolatro  
E te não posso esquecer,  
Talvez venha a endoidecer,  
*Por causa do teu retrato.*

**Delfim de Freitas.**

No teatro S. João  
Pedi-te um beijo, negaste;  
Pedi-te a mão, não ligaste,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Mesmo que digas que não  
Ao corpo eu dei mau trato,  
Pois eu não quebrava um prato,  
Mas, nervoso e excitado  
Eu fui fazer um pecado  
*Por causa do teu retrato.*

**Lacerda.**

Fiquei da cor do cidrão  
Nunca me senti assim,  
Querla ver-te junto a mim  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Dominei minha intenção  
Mas um pouco abstracto,  
Com esse teu fino trato,  
Que minha alma irradia  
Um roubo eu cometa!...  
*Por causa do teu retrato.*

**Octávia Maria.**

Natal! Até corta o coração  
Não ter pão, oh minha mãe!  
Quis pedir, não vi ninguém,  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Tenho lutado em vão,  
Mas o Destino é ingrato,  
Cheio de fome e mau trato,  
Tão rato, esfarrapado!  
Tenho, mãe, sido honrado,  
*Por causa do teu retrato.*

**Mirama.**

Encontrei-te no Bolhão  
Falando no Zacarias,  
Quando as compras fazias  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Fazer esta feia acção  
Sem praticar desacato,  
Era preciso ser rato  
D'hotel, muito atrevido,  
Tudo isto cometido  
*Por causa do teu retrato.*

**Zé Pato.**

Despedido p'lo patrão  
Por lhe namorar a filha,  
Uma linda maravilha  
*Estive p'ra ser ladrão.*  
Conquistei-lhe o coração  
Mas o pai foi um ingrato,  
A-pesar-de rico e farto  
Achoi-me sem pé de meia,  
E estive a ir p'ra cadeia  
*Por causa do teu retrato.*

**Reirobi.**

Mote a concurso para o próximo  
número:

*Se o trinta e dois rebentou  
Que fará o trinta e três?*

# CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

## JOGO DO QUINO

### 2.<sup>A</sup> SEMANA

|   |    |    |    |    |  |    |  |    |
|---|----|----|----|----|--|----|--|----|
|   |    |    |    |    |  | 69 |  | 85 |
| 1 | 19 |    | 34 | 49 |  | 60 |  |    |
| 6 | 16 | 24 |    |    |  | 54 |  | 76 |

Nome .....

Morada ..... Pontos .....

(Recortar por aqui)

Como vêm, já estão só **12** números. O concorrente tem direito a marcar **4** destes **12** números, para ver se acerta nos **3** que saem do saco semanalmente. Depois de os marcar de qualquer forma no cartão, recorta-o e envia-o para a nossa administração até à quarta-feira seguinte, assim como o cupão apenso, devidamente preenchido.

No nosso próximo número diremos os números saídos, de acôrdo com o envelope lacrado que está em exposição nas montras da Agência de Publicações, à Praça da Liberdade, e por êles poderá o concorrente ver, no final, se estão certos os pontos que lhe são atribuídos.

A relação dos pontos correspondentes a cada concorrente só será dada no primeiro número depois de terminado o concurso.

Os números saídos na primeira semana são os seguintes: **27, 44 e 51.**

Acertaram em cheio **8** concorrentes.

**N. B.** — Ao concorrente que queria começar nesta semana, terá de nos remeter o recorte da 1.<sup>a</sup> semana, e ser-lhe-á contado um Duque, que corresponde a dois pontos certos.

## VAMOS AO QUINO, MEUS SENHORES

**São mais de 6.000 escudos de valor,  
num total de mais de 200 prémios**

**VER O PLANO DO CONCURSO NA NOSSA SEGUNDA PAGINA**